

A COMUNICAÇÃO NO MST: O JORNALISMO ONLINE X O IMPRESSO*

Bruna Toso Tavares – UFMG
Eduardo Luis Mathias Medeiros – UNEMAT

RESUMO: Iremos discutir a utilização do espaço digital pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), observando como os movimentos sociais se aproveitaram das vantagens trazidas pela Internet para levar informação sobre suas demandas, difundir seus valores, visões de mundo e experiências, sem necessitar da mediação das mídias tradicionais, que, em geral, são geridas por interesses opostos aos dos movimentos. No caso do MST, o movimento, desde sua fase embrionária, já desenvolveu comunicação independente por meio de veículos próprios e contra hegemônicos, contando, atualmente, com uma revista, um jornal e um site. Neste veículo, a comunicação do movimento com seus membros e com a sociedade como um todo é muito mais livre do que, por exemplo, no jornal impresso do próprio movimento. Assim, neste trabalho faremos uma breve análise comparativa entre duas notícias sobre o mesmo evento e que trazem as mesmas informações publicadas no site e no jornal do MST, observando que elas tomam configurações e características distintas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Internet. Movimentos Sociais. MST.

Presenciamos uma recente onda de movimentos e manifestações que ocuparam as ruas de diversas cidades brasileiras e também do resto do mundo. Em geral, os movimentos, como a Primavera Árabe, no Oriente Médio, os Indignados, na Espanha, Occupy, nos Estados Unidos, o Churrascão da Gente Diferenciada, as Marchas da Liberdade, da Maconha e das Vadias, no Brasil, são movimentos de ocupação do espaço público, mas articulados e organizados por meio da internet.

Entretanto, a utilização da internet por movimentos sociais não é nenhuma novidade, já que a rede de computadores vem sendo usada desde os zapatistas, no México. Este movimento, assim como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, sempre utilizou mídias livres para se comunicar com os membros do movimento e com a sociedade em geral. A utilização de mídias livres é uma estratégia para que os movimentos sejam ouvidos, dispensando a mediação feita pelas mídias tradicionais que, como veremos a seguir, distorce, ignora e, por vezes, até mesmo, criminaliza os movimentos.

Obviamente que, mais recentemente, o desenvolvimento da internet e, conseqüentemente, o aprimoramento e popularização de tecnologias de informação e comunicação possibilitaram e favoreceram a criação de novos canais de interação e participação social. Com isso, hoje, a internet é amplamente utilizada pela população mundial para diversas finalidades e tipos de relação. Sobre isso, Castells (2007, p.249) afirma que os movimentos sociais “adotam valores e assumem as formas organizacionais específicas para o tipo de sociedade onde eles ocorrem”. Portanto, nada mais natural que os movimentos sociais se aproveitem desses novos canais de longo e grande alcance, de comunicação rápida, de baixo custo, de acesso livre e sem a necessidade de mediadores para sua divulgação, articulação e organização.

Assim, neste trabalho, iremos investigar a utilização da internet para a comunicação livre dos movimentos sociais, sobretudo, o MST, e observar a liberdade até mesmo no plano linguístico e textual, realizando uma breve análise comparativa de duas notícias sobre o Encontro Mundial de Movimentos Populares com o Papa Francisco em outubro de 2014 no Vaticano, uma publicada no site e outra no jornal impresso do MST, ambas em anexo.

* XII EVIDOSOL e IX CILTEC- Online – junho/2015 – <http://evidosol.textolivre.org>

COMUNICAÇÃO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS E IMPLICAÇÕES DO SUPORTE

Segundo o MST, em seu site oficial, “A comunicação tem um papel central na sociedade na disputa entre hegemonia e contra-hegemonia”. Para concorrer com os interesses hegemônicos, os movimentos sociais têm como principal recurso – para não dizer único – a informação. Esta e o conhecimento podem desencadear processos de mudança social. Desde sempre, os movimentos se organizam em torno dos meios de comunicação para difundir e compartilhar valores, visões de mundo, experiências e sua própria ideologia, acreditando que a comunicação tem um poderoso poder de persuasão.

Em geral, a mídia tradicional, com seus grandes veículos de comunicação são os maiores responsáveis por levar informação à população. Entretanto, de acordo com Barbosa (2012, p.244), “a indústria jornalística é resultado da ascensão e manutenção da burguesia como classe” e busca o lucro, adotando imagens de credibilidade baseadas em valores burgueses. Assim, os interesses da mídia tradicional entram em conflito com os dos movimentos sociais e estes passam a ser ignorados ou, quando se tornam pauta, são retratados como criminosos. Ayoub (2006), em sua pesquisa de mestrado intitulada “Mídia e movimentos sociais: a **satanização** do MST na Folha de São Paulo” [grifo nosso], investiga o tratamento dispensado pelo jornal na cobertura de ações do movimento e conclui que o conteúdo das matérias constitui um ataque ao MST, ferindo o Código de Ética dos Jornalistas e desrespeitando o direito constitucional à informação. Já o evento que nos interessa, o Encontro Mundial de Movimentos Populares que reuniu pela primeira vez diferentes movimentos, entre eles o MST, com o Papa Francisco não foi noticiado por nenhum grande veículo de comunicação.

Ainda de acordo com o MST, “é essencial que o povo organize seus próprios meios de comunicação para que seja feita a disputa contra hegemônica. Por isso, o MST criou o Setor de Comunicação, que tem o papel de construir os próprios meios de comunicação do Movimento”. Neste mesmo sentido, Souza Santos (2010, p.68) afirma que o uso contra hegemônico dos meios de comunicação pelos movimentos sociais faz avançar suas próprias agendas políticas para além do marco político-econômico do Estado liberal e da economia capitalista.

Diante da necessidade de ter voz, as classes populares criam sua própria imprensa que tem como característica, segundo Barbosa (2012), um novo processo de seleção e construção das notícias, adotando pautas que, em geral, não são adotadas pela indústria jornalística, e assumindo seu posicionamento ideológico, em oposição ao modelo norte-americano de jornalismo, que defende o mito da objetividade. No caso do MST, como já mostramos, a comunicação é uma preocupação e está presente no movimento antes mesmo da sua criação oficial, que data de 1984. Já o jornal circula ininterruptamente desde de 1981, quando ainda era Boletim da Campanha de Solidariedade aos Agricultores Sem Terra. O nome Jornal Sem Terra acontece em 2007 no V Congresso do Movimento e, atualmente, é uma publicação mensal voltada, principalmente, para seus militantes, funcionando como um instrumento de formação e informação. Além do Jornal, o MST desenvolveu também a Revista Sem Terra, que é uma publicação bimestral, que há treze anos contribui para o debate em torno da questão agrária no Brasil. O site do MST na internet (<http://www.mst.org.br>) é atualizado diariamente com matérias próprias, ou seja, desenvolvidas pelo Setor de Comunicação do movimento, e com artigos de integrantes ou personalidades que, de alguma forma, apoiam a luta pela terra. No caso das duas reportagens que iremos comparar, a publicada no site é de autoria de Ignacio Ramonet, jornalista que colabora com o Movimento, mas que não faz parte dos profissionais do Setor de Comunicação do MST. Já a reportagem publicada no Jornal impresso é de responsabilidade desta equipe, já que não é assinada por nenhum jornalista específico.

O desenvolvimento do site do MST se dá com o desenvolvimento da internet, que faz também com que o jornalismo passe a ocupar o espaço digital, assumindo características específicas, do que vem a ser chamado webjornalismo. Neste espaço, a lógica de consumo de

informação muda de oferta para demanda, já que agora são os usuários da rede mundial de computadores que vão buscar, onde quiserem, as informações que lhe interessam, além de, a partir da Web 2.0, passarem a interagir e participar das rotinas de produção de notícias. Assim, o modelo empresarial de jornalismo dá lugar, pelo menos no espaço digital e, mais especificamente, pelos movimentos sociais, a um modelo mais cidadão, um serviço público a favor das coletividades. Tudo isso é possível porque a internet, como já afirmamos, permite a comunicação de forma instantânea, com baixo custo, com um acesso democrático e de longo e grande alcance. Além disso, a comunicação neste suporte é feita sem mediação, portanto, o site do MST, por exemplo, é uma mídia livre e contra hegemônica.

Percebemos, ao nos depararmos com a notícia sobre o Encontro Mundial dos Movimentos Populares no Vaticano publicada no site e no Jornal, que o caráter midiático livre do site também reflete em certa liberdade na construção da notícia publicada nesta plataforma. As duas reportagens, tanto a do meio online quanto a impressa, do ponto de vista do conteúdo, são semelhantes e trazem praticamente as mesmas citações de falas de Francisco no evento e as mesmas informações: o encontro do Papa com grupos excluídos e marginalizados, se dirigindo diretamente a eles e ouvindo-os, se mostrando solidário às causas e tocando em questões do capitalismo e do neoliberalismo.

Entretanto, no que se refere à questão genérica, a reportagem de jornal impresso parece seguir o modelo cristalizado da pirâmide invertida[†], seguindo as regras de construção do *lead*. Assim, no Jornal observamos esta estrutura, como pode-se ver a seguir:

O dia 29 de Outubro de 2014 [quando] ficará marcado na vida dos 100 dirigentes populares que estavam na “Ala Velha do Sínodo”. Foi ali, no interior de uma antiga construção no Vaticano [onde], que pela primeira vez em 2.000 anos um Papa - líder máximo da Igreja Católica e chefe do Estado do Vaticano - encontrou homens e mulheres do mundo todo, dos mais amplos setores da sociedade, com os mais diferentes credos religiosos, que lutam por direitos sociais e humanos [quem]. Este momento se deu no marco do “Encontro Mundial de Movimentos Populares” [o que], no qual os dirigentes sociais presentes, junto a 20 bispos e um Cardeal, reuniram-se por três dias com o Papa Francisco para diagnosticar os principais problemas dos trabalhadores e dos pobres no mundo e propor o que fazer para superá-los [por quê].

Além da construção do *lead*, a reportagem para o impresso, como afirmamos, é construída de acordo com a técnica da pirâmide invertida, segundo a qual as informações mais importantes aparecem primeiro e depois as mais específicas. Depois do *lead*, nesta reportagem, fala-se sobre o “discurso histórico” e os temas em que ele toca, como moradia, terra, trabalho, citando Francisco, que critica o capitalismo e o neoliberalismo que colocaram o dinheiro no lugar central da sociedade, que deveria ser ocupado pelos homens, e, depois, apresenta uma seção sobre Reforma Agrária, tema central para o movimento. Neste espaço, a reportagem apresenta fragmentos do discurso do Papa relacionados à questão da divisão justa da terra.

Já a reportagem para meio online se mostrou mais fluída em relação a estas estratégias para construção da notícia. Em seu primeiro parágrafo, traz apenas uma frase curta “A terça-feira, 28 de outubro, foi um dia histórico.”, em torno da qual todo o texto será construído, já que os próximos parágrafos serão a enumeração, acompanhada de numerais ordinais, dos motivos pelos quais aquele dia se tornou memorável. Ou seja, na reportagem para o site, não se

[†] Técnica de redação jornalística que consiste na estruturação da notícia por meio do *lead*, seguido do *sublead*, desenvolvimento e fechamento. Assim, o *lead* é a introdução ou abertura de uma notícia ou reportagem, a partir das respostas de seis perguntas básicas: O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?. Já o *sublead* é o segundo parágrafo do texto jornalístico, resultante do desdobramento do *lead*. Após o desenvolvimento da história, apresenta-se a conclusão. Em resumo, a notícia começa pelos dados mais importantes, seguido de informações complementares, organizadas em blocos decrescentes de interesse. O uso dessa técnica é unanimidade na imprensa.

segue o modelo tradicional utilizado pelo jornalismo impresso, de se iniciar o texto com o *lead*, seguindo a técnica da pirâmide invertida.

Embora seja um recurso amplamente utilizado no texto do jornalismo impresso, essa técnica passa por adaptações para a estruturação da notícia no webjornalismo, já que tipo de jornalismo, em virtude das peculiaridades de seu meio de transmissão, desenvolveu suas próprias técnicas e práticas no fazer jornalístico, não sendo apenas uma transposição da notícia do impresso para o online. Uma diferença entre a notícia do impresso e aquela que vai para a web passa pela estruturação do texto. Canavilhas (2006) descreve que o modelo de organização da informação do webjornalismo não coincide com o da pirâmide invertida, já que este modelo não atende mais com o interesse do leitor da web, que é mais dinâmico e pode abandonar a leitura a qualquer momento para interagir com outros recursos da página. Com isso, o modelo da pirâmide invertida dá lugar a outra forma de arquitetura, chamada por ele de pirâmide deitada. Com ela, o leitor pode abandonar a leitura a qualquer momento sem perder o fio da história, já que as informações são apresentadas em blocos.

De acordo com o autor, segundo este modelo, há quatro níveis de leitura. Uma Unidade Base, que corresponderia ao *lead*, mas em uma versão mais condensada que vai responder O quê, Quando, Quem e Onde; um Nível de Explicação, em que serão apresentadas informações sobre o Por Quê e o Como, complementando a informação essencial sobre o acontecimento; um Nível de Contextualização, em outras informações são oferecidas, seja em formato textual, vídeo, som ou infografia animada, e; um Nível de Exploração, que liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos. Assim, a pirâmide deitada é uma adequação a prática jornalística da web já que incorpora os recursos que esta mídia oferece.

Entretanto, verificamos que a reportagem publicada no site do MST, embora apresente as informações em blocos, não segue rigorosamente o modelo da pirâmide deitada. Observamos assim uma liberdade por parte da instância produtora deste discurso em relação as estruturas estáveis do gênero online.

Ainda sobre a organização do texto, como afirmamos, na reportagem para o site, a estruturação textual se dá a partir da enumeração dos motivos pelo qual dia 28 de outubro foi histórico e que serão introduzidos nos parágrafos seguintes, pelos numerais ordinais *Primeiro*, *Segundo* e *Terceiro*. Entretanto, o *Segundo* argumento não é apresentado em um único parágrafo e sim em 3. Com isso, o *Terceiro* argumento, que é introduzido pelo numeral ordinal, está no sexto parágrafo e, portanto, distante da afirmação inicial sobre a memorabilidade da data, ou seja, a referência fica dificultada pela distância entre o argumento apresentado e a ideia que ele defende. Em geral, no jornalismo tradicional isso não aconteceria. Nesse quesito, a reportagem para impresso também se mostrou mais próxima ao padrão, com um encadeamento bastante claro, coerente e coeso, seguindo o modelo utilizado pelas mídias tradicionais.

Embora ambos sejam produtos do MST e, obviamente, mostram-se favoráveis às causas do Movimento, em relação ao posicionamento diante das questões discutidas, assim como as mídias tradicionais que buscam, em geral, mostrar-se imparciais, o Jornal mostrou-se mais neutro e objetivo, em comparação ao online, que se mostra mais engajado, apresentando apreciações subjetivas. Exemplo disso é que enquanto o Jornal fala em “discurso histórico”, entre aspas, a reportagem do site fala do “discurso *tão* social e progressista”, de um “discurso *forte, corajoso*”, além de qualificar o encontro como “uma assembleia de povos da terra (...), mas povos que não se resignam”. Assim, o uso de adjetivos e advérbios de intensificação são marcas linguística axiológicas.

Em geral, os trabalhos que comparam o jornalismo online e o impresso os diferem pela interatividade[‡], hipertextualidade[§], multimodalidade ou convergência^{**} apontadas, em resumo, como características que diferenciam o webjornalismo do jornalismo impresso. Nesta breve análise, não observamos nenhuma destas características, já que o site do MST não apresenta espaço para comentários, e, nesta reportagem especificamente, nem há hiperlinks, nem a convergência com outros formatos midiáticos. Há simplesmente o texto jornalístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação rápida, de baixo custo, de fácil e livre acesso e de grande alcance fez com que a internet torna-se espaço de articulação e comunicação das organizações da sociedade civil, entre elas os movimentos sociais. Seguindo a tendência de ocupação do espaço digital, o MST, que, desde o princípio, buscou fazer sua própria comunicação, passa também veicular seus conteúdos em um site próprio. A mídia livre e independente faz com que os movimentos passem a ter a possibilidade de concorrer com as informações veiculadas pela grande mídia e que, até então, tinha um poder de influência desproporcional em relação aos setores excluídos. Assim, a Internet torna-se um espaço de fortalecimento das demandas desses sujeitos e que possibilitam contornar as desigualdades de recursos para ampliar alcance de suas ações e desenvolver estratégias de luta mais eficazes.

Neste trabalho, observamos que em seu site, ao menos na reportagem analisada, o jornalismo realizado é mais descompromissado com os padrões jornalísticos, inclusive no plano linguístico, o que pode ser observado até mesmo na escolha lexical já que a linguagem empregada é mais coloquial que a do Jornal impresso do movimento, o que se estende também a organização textual que se deu de forma mais livre, fugindo ao padrão jornalístico também reconhecido no impresso. Quanto ao posicionamento, também observamos uma tendência de objetividade no impresso, menos presente no online, que se mostrou mais engajado e subjetivo. Com isso, acreditamos que o Jornal do MST acaba por incorporar, ao menos no nível linguístico e textual, características do jornalismo tradicional, enquanto o conteúdo veiculado nessa imprensa combativa, nega esse padrão e incorpora a liberdade da mídia livre digital em que circula.

[‡] A interatividade se dá por meio da interação entre as instâncias de produção e recepção do discurso jornalístico. Com o webjornalismo, recursos como campos para comentários, em que os leitores podem dar sua opinião, ampliaram essa relação. Troca de e-mails, fóruns de discussões, chats, entre outros, são recursos que a web oferece e que possibilitam o contato jornalista-leitores.

[§] O hiperlink é o recurso por meio do qual, a partir de um clique em um item, seja uma palavra, locução ou enunciado, o leitor é direcionado para outra página da Web ou arquivo.

^{**} O termo convergência refere-se à utilização de diferentes formatos midiáticos, como imagem, texto e som, em uma mesma notícia, por exemplo. O webjornalismo tornou possível a convergência, uma vez que uma página na internet suporta todos estes formatos ao mesmo tempo, numa situação de agregação e complementaridade.

REFERÊNCIAS

AYOUB, Hannah Ayoub. **Mídia e movimentos sociais: a satanização do MST na Folha de São Paulo**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, 2006. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000119282>

BARBOSA, Alexandre. “O jornalismo e a construção da contra-hegemonia: análise da revista do MST a partir dos conceitos gramscianos de jornalismo”. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v.1, p.236-245, 2012.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da Pirâmide invertida à pirâmide deitada**, 2006. Disponível em: < <http://www.bocc.uff.br/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> >.

CASTELLS, “Manuel Communication, Power and Counter-power in the Network Society”. In: **International Journal of Communication**. p.238-266, 2007.

JORNAL DO SEM TERRA “O HISTÓRICO DIA EM QUE O PAPA SE REUNIU COM MOVIMENTOS SOCIAIS” n.325, ago/set 2014

MST – <http://www.mst.org.br>

RAMONET, Ignacio. “IGNACIO RAMONET: O DIA HISTÓRICO EM QUE O PAPA SE REUNIU COM OS MOVIMENTOS” (Disponível em <http://www.mst.org.br/2014/10/30/ignacio-ramonet-o-dia-historico-em-que-o-papa-se-reuniu-com-os-movimentos.html>)

SOUZA-SANTOS, Boaventura de. **Refundación del Estado en América Latina: perspectivas desde una epistemología del Sur**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad de los Andes; Siglo Veintiuno Editores, 2010.

ANEXOS

www.mst.org.br/2014/10/30/ignacio-ramonet-o-dia-historico-em-que-o-papa-se-reuniu-com-os-movimentos.html

Agencia Patricia Gal... SETED A Olga | Olga Sobre a revista Nivel 1 - Argumenta... www.ufrgs.br/analisa... Manoel de Barros - ... www.bibliotecadigit... Programa de Pós-Gr... Outros favoritos

MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Ignacio Ramonet: o dia histórico em que o Papa se reuniu com os movimentos

"Fazia muito tempo que um Papa não pronunciava um discurso tão social, tão "progressista" sobre um tema, os pobres", escreve Ignacio Ramonet.

20 de outubro de 2014 19:02

Por Ignacio Ramonet

A terça-feira, 28 de outubro, foi um dia histórico.

Primeiro, porque não é frequente que o Papa convoque, no Vaticano, um Encontro Mundial de Movimentos Populares do qual participam organizações de excluídos e de pessoas marginalizadas dos cinco continentes, e de todas as origens étnicas e religiosas: camponeses sem terra, trabalhadores informais urbanos, recicladores, carentes, povos originários em luta, mulheres reclamando direitos, etc. Muitos dos dirigentes presentes estão ameaçados de morte por esquadrões da morte. Em suma, uma assembleia mundial dos povos da Terra. Mas dos povos em luta e que não se resignam.

Segundo, é menos frequente ainda que o Papa se dirija diretamente a eles, no Vaticano, dizendo-lhes que quer "escutar a voz dos povos" porque "os pobres não se contentam mais

mesmos, uma solução para os seus problemas", pois "os pobres não são seres resignados, mas sabem protestar e se revoltar". Disse que espera que "o vento dos protestos se converta em vendaval de esperança".

O Papa também afirmou: "A solidariedade é uma forma de fazer história". E por isso se ao pedido dos pobres que reclamam "terra, teto e trabalho" e acrescentou: "Quando peço terra, teto e trabalho para os necessitados alguns me acusam dizendo que 'o Papa é comunista'! Não entendem que a solidariedade com os pobres é a base mesma do Evangelho".

Francisco lembrou que "a reforma agrária é uma necessidade não apenas política, mas moral". É acatado (sem nomeá-lo) o neoliberalismo de ser a causa de muitos dos males atuais: "Tudo isto ocorre - afirmou - quando se tira o ser humano do centro do sistema e em seu lugar se coloca o dinheiro". "Por isso, é preciso levantar a voz", repetiu. E recordou que "os cristãos têm um programa que me atrevera a qualificar de revolucionário: as bem-aventuranças do Sermão da Montanha do Evangelho Segundo São Mateus".

Um discurso forte, corajoso, que se insere no fio direito da Doutrina Social da Igreja que o Papa reivindicou explicitamente. É na opção preferencial pelos pobres. Fazia muito tempo que um Papa não pronunciava um discurso tão social, tão "progressista" sobre um tema, os pobres, que constitui uma das bases fundamentais da doutrina cristã.

Terceiro: Tudo isto foi tanto mais importante quanto que este discurso, o Papa o pronunciou na presença do presidente da Bolívia, Evo Morales, ícone dos movimentos sociais e líder dos povos originários. Logo depois, o presidente Morales, muito aplaudido, tomou a palavra diante do mesmo auditório de movimentos populares na luta para explicar, com muitos exemplos, que "o capitalismo, que tudo compra e tudo vende, criou uma civilização esbanjadora". Insistiu em que "é preciso refundar a democracia e a política, porque a democracia é o governo do povo e não o governo do capital e dos banqueiros". Também acrescentou que "é preciso respeitar a Mãe Terra" e "mobilizar-se contra a privatização dos serviços públicos". Sugere a todos os movimentos populares reunidos por ocasião deste encontro para que criem "uma grande aliança dos excluídos" para defender os "direitos coletivos" que completam, segundo ele, os direitos humanos.

O sentimento geral dos participantes deste inédito encontro é que estas duas intervenções confirmam a enorme liderança política e moral, em escala internacional, do presidente Evo Morales, e o novo papel histórico do Papa Francisco, como porta-voz das lutas dos pobres da América Latina e de todos os excluídos do mundo.

Últimas notícias

- Após despejo violento, Sem Terra recupera terreno em Aracati
- Criancas Sem Terra são impedidas de estudar no interior de São Paulo
- Pelo terceiro dia consecutivo, Inca de MS segue ocupado e rodovias são bloqueadas
- Mais de 60 entidades enviam carta contra o PL que acaba com rotulagem de transgênicos

Disponível em <http://www.mst.org.br/2014/10/30/ignacio-ramonet-o-dia-historico-em-que-o-papa-se-reuniu-com-os-movimentos.html>

O histórico dia em que o Papa se reuniu com Movimentos Sociais



Papa Francisco em discurso para os movimentos sociais

PLA DEDICAÇÃO DOS MOVIMENTOS POPULARES BRASILEIROS

O dia 29 de Outubro de 2014 ficará marcado na vida dos 100 dirigentes populares que estavam na "Ala Velha do Sínodo".

Foi ali, no interior de uma antiga construção no Vaticano, que pela primeira vez em 2.000 anos um Papa - líder máximo da Igreja Católica e chefe do Estado do Vaticano - encontrou homens e mulheres do mundo todo, dos mais amplos setores da sociedade, com os mais diferentes credos religiosos, que lutam por direitos sociais e humanos. Este momento se deu no marco do "Encontro Mundial de Movimentos Populares", no qual os dirigentes sociais presentes, junto a 20 bispos e um Cardeal, reuniram-se por três dias com o Papa Francisco para diagnosticar os principais problemas dos trabalhadores e dos pobres no mundo e propor o que fazer para superá-los.

Um encontro histórico exigiu um "discurso histórico", e foi exatamente com isso que o Papa Francisco apresentou a todos naquela manhã.

Um discurso surpreendente, no qual ele aponta que a causa central dos problemas de falta de moradia, terra e trabalho é tirar o ser humano do centro do sistema, em seu lugar, colocar o dinheiro.

Em outras palavras, o Papa aponta o capitalismo e o neoliberalismo como os principais culpados pelas mazelas da humanidade.

Reforma Agrária

Francisco também afirma que quer "escutar a voz dos povos", pois eles "não se contentam mais em sofrer as injustiças", mas lutam contra elas, e ele "quer acompanhá-los nessa luta".

Desta forma, coloca num patamar superior a relação entre os que lutam

e a Igreja Católica, abrindo grandes possibilidades para avançarmos".

"Nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos", afirmou, colocando a luta pela justiça e pela igualdade como valores universais e inegociáveis.

No tocante específico sobre a Reforma Agrária, disse que ela "é, além de uma necessidade política, uma obrigação moral".

Ou seja, a Igreja, por meio de sua autoridade máxima, está condenando a grande propriedade e como algo imoral.

"A Reforma Agrária é, além de uma necessidade política, uma obrigação moral"

Francisco disse ainda se preocupar com a amedidação de tantos camponeses que deixam suas terras, "não por guerras ou desastres naturais", mas pela "apropriação das terras, o desmatamento, a apropriação da água, os agrotóxicos inadequados, são alguns dos males que arrancam o homem da sua terra natal", num fronto direto com o agronegócio.

Definitivamente, é um discurso que vale a pena ser lido na íntegra e relido muitas vezes na vida.

Ademais, é importantíssimo que cada pessoa que enxerga nele a grande visão histórica e de futuro se proponha a divulgá-lo incessantemente, para que desta forma se possa ver a realidade com clareza, ampliando cada vez mais os diálogos com todos aqueles que lutam por uma sociedade que possa ser verdadeiramente justa, solidária, igualitária e fraterna.